

# A ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno . . . . . 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. . 8090

N.º 7 — VOL. II.

Sabbado 13 de Fevereiro de 1858.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 5\$000

## Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Tlemcen — Uma viagem a Italia e aos Alpes — Pesca á linha — O carvão de pedra — A

bolsa, a alfandega, e os bancos de Nova York — Extravagante modo de crear pintores — Palacio da justiça, em Paris — A tarde, entre a murta, continuação — O medico de Molière — Apon-  
tamentos biographicos, Guttemberg — Obituario.

GRAVURAS: — Guttemberg — Palacio da justiça, em Paris — A alfandega de Nova York — Pesca á linha — Tlemcen — Inveja.

## Historia da actualidade.

As noticias de Bombaim, datadas de 23 de Janeiro, dizem que o general Outram, atacado pelos rebeldes, os batera tres vezes. As columnas moveis que percorriam o paiz faziam entrar tudo na ordem, e se bem alguns recontros tinham com os inimigos eram de pequena importancia.

— Mr. Affonso Maria Ratisbone, que ha poucos annos se converteu ao catholicismo, conversão que causou grande sensação, acaba de adquirir em Jerusalem uma parte do antigo palacio ou pretorio de Pilatos, para construir ali uma casa religiosa destinada ás filhas de Sião, de que foi fundador com seu irmão. O fim é a conversão dos judeus.

— O primeiro inventario geral dos diamantes, perolas, e pedras da corôa franceza, foi feito em 1810. Fez-se segundo quando Luiz XVIII voltou de Gand, e reconheceu-se que estas joias eram em numero de sessenta e uma mil trezentas e doze, pesando dezoito mil setecentos cincoenta e um quilates, avaliadas em vinte milhões novecentos mil duzentos sessenta francos. O terceiro inventario foi feito em virtude da lei de 2 de Março de 1831, e verificou-se então a existencia do mesmo numero, peso, e valor.

— Actualmente anda-se restaurando a grande basilica de Nossa Senhora de Paris, modificando-se completamente o seu aspecto interior.

— Trata-se tambem em Paris de mudar o local da Opera, mudando o theatro para o sitio do antigo palacio Osmond, actualmente occupado pelo Concerto-Musard. Diz-se que



Guttemberg.

dentro em pouco se principiará a construcção do novo edificio.

— Foram devoradas em Argel por um incendio as officinas publicas de illuminação.

— A companhia submarina de Boston recebeu noticia do capitão Conthony, commandante da expedição nos mares caraibas, da descoberta de um immenso thesouro. Pertencia ao navio de guerra hespanhol S. Pedro, que em 1815 chegando á bahia de Cumana naufragou. Levava a bordo tres milhões de dollars. O capitão Conthony já com a ajuda do sino mergulhador recolheu quatrocentos mil dollars; mas como a quantia mais forte se julga depositada na Santa Barbara, o capitão propõe-se fazer saltar o casco para levar a empresa a bom exito.

— A seda em França ha muitos mezes que soffria grande baixa, mas segundo as ultimas noticias elevou-se muito o seu preço, e na praça de Leão está excessivamente cara.

— Corre noticia, que se diz official, da tomada de Cantão pelas forças inglezas.

— Ha boatos de estar Madrid em crise ministerial apontando-se para fazerem parte do gabinete Isturiz, os senhores Posada-Herrera, Esteban Collantes, e Alcalá Galiano.

— Tem havido desordens na Cataunha, sem que por ora se lhes possa assignar caracter politico. Em Armontera em Blancs a lucta tem custado já algumas victimas.

— As principaes disposições do bill apresentado por lord Palmerston para a suppressão da companhia das Indias, são a substituição da junta de directores por um presidente com um conselho de oito

membros. O presidente tem a cathogoria de ministro da corôa, e este nomeia os membros do conselho, que deverão sair de individuos que tenham servido certo tempo na administração civil ou militar da India, tendo ali estado algum tempo. As funcções d'estes conselheiros limitam-se a oito annos, renovando-se cada biennio dois d'elles. Em quanto ao exercito não se varia a actual organização.

— As chammas do bombardeamento de Cantão devoraram a maior parte dos seus arrabaldes.

— Noticias de Montevideo dão aquella cidade em agitação, achando-se a alguma distancia d'ella o general Silveira á frente de quatrocentos insurgentes, e esperando que houvesse dentro um movimento a seu favor.

— Em Inglaterra trata-se da reunião de meetings para protestar contra o bill relativo aos emigrados politicos n'aquelle paiz.

— Affirma-se que o governo inglez restabelecerá no reino de Oude, a Mieza Mahamud Hemid Allic, filho do rei de Oude, e da rainha morta em Paris, e que actualmente está prisioneiro em Calcuttá.

— Está-se procedendo em França a um novo registro de estrangeiros ali residentes. Alguns já foram expulsos do territorio pela policia.

— Certifica-se que a França propõe para o Bucharest um governo constitucional, e que a Russia, Prussia e Sardenha approvam o projecto, bem como a Inglaterra com algumas modificações importantes; porém a Austria e a Porta rejeitam-no.

— As ultimas noticias do Mexico dão Sant'Anna senhor do campo depois de uns poucos de dias de terriveis luctas, e disposto a ser nomeado presidente d'aquella republica.

— Foi nomeado para embaixador da França na Russia o duque de Montebello, ministro da marinha no reinado de Luiz Philippe.

— Sir Collin Campbell tomou nos principios de Janeiro as cidades de Surrukabael e Futtighur. Na sua marcha sobre este ultimo ponto dispersou um grande corpo de rebeldes.

— Conseguiu-se no dia 25 de Janeiro a imersão do cabo electrico submarino entre Messina e Reggio. Acha-se assim completa a communicação electrica que liga a Sicilia a Napoles e á Europa occidental.

— Parece não haver já duvida em se ter declarado a guerra entre o Mexico e Hespanha, asseverando-se mesmo que uma esquadra hespanhola já bombardeou Vera-Cruz.

— Em Paris nomeou-se o general Espinasse para a pasta do interior e segurança publica, o que tem alguma significação em vista das medidas de segurança que se pretendem tomar.

— Está já em viagem para a Europa o principe de Tzikuzen, sobrinho do imperador do Japão, que vem visitar a França, Inglaterra, Russia e Hollanda, e na volta irá pela America. Traz na sua comitiva dois engenheiros japonezes, que veem encarregados de estudar os caminhos de ferro.

— Descobriu-se em Barcelona uma conspiração que devia rebentar no proximo mez de Maio.

— O almirante conde de Penhafirme é quem está nomeado para commandar a armada que hade conduzir a Portugal a consorte de sua magestade el-rei o senhor Dom Pedro v. O almirante irá a bordo da fragata a vapor *Bartholomeu Dias*, que em breve deve chegar de Inglaterra onde foi construida.

— Affirma-se que a senhora duqueza da Terceira será a camareira-mór da rainha Stephania, e que n'essa qualidade acompanhará o duque seu marido, a quem sua magestade commetteu o encargo de conduzir a princeza a Portugal.

— Diz-se que no templo de S. Domingos terão lugar as ceremonias religiosas do casamento d'el-rei; e que as decorações serão obra do architecto Colson.

— Chegaram fundos e ordens para acelerar os trabalhos do caminho de ferro de Cintra; e ha noticia de estarem quasi ultimadas as negociações para a organização definitiva da companhia que deve construir as docas, caes, e via ferrea.

— Espera-se a proxima chegada de sir Morton Peto, concessionario do caminho de ferro de leste.

#### Tlemcen.

Uma das cidades d'Africa de que menos se tem fallado, e que todavia merece sair do esquecimento, é, na provincia d'Oran, *Tlemcen*.

Assentada sobre uma planicie ligeiramente inclinada para o norte, não se pode descrever a belleza da sua situação; dir-se-hia perdida em uma folhagem sempre verde.

Tlemcen era muito fortificada, e pode-se julgar pelo que ainda resta de pé. Os muros, construidos de cal, areia e pedra, apresentam as formas de grandes pedras, collocadas de distancia em distancia, como para patentear o imponente aspecto da cidade, porque, na extensão de quinhentos a seiscentos metros de desinvolvimento, ostenta sob um bello ceo as suas trinta e duas mesquitas, e os seus numerosos edificios. Actualmente, Tlemcen, collocada como um ponto branco no meio de magestosas ruinas, restos da sua grandeza monumental, apresenta physionomia puramente africana. É dividida em duas partes, separadas por um valle profundo, ornado de deliciosos jardins.

A grande fortaleza chamada *Mechouar* ergue-se, como outra cidade, no centro de Tlemcen. As suas muralhas tem a altura de cincoenta a sessenta pés, e são de solidez a toda a prova. Foi no seu recinto que o general Cavaignac, então simples capitão, no anno de 1837, encerrado com um batalhão, privado de tudo, teve de sustentar contra os habitantes da cidade um sitio de seis mezes, cujo feliz termo veio começar a sua brilhante reputação. Presentemente *Mechouar* contém bellos quartéis, vastos armazens, e as intendencias.

Tlemcen é agradável, principalmente pelos seus passeios, mas não tem senão um interior, o que existe em volta de *Mechouar*. É o logar mais commo da cidade. Ahí, á sombra de bellas arvores seculares, todas as quintas feiras e domingos, aos sons da musica militar, confundem-se o arabe de albernoz branco e o militar de brilhante uniforme. Todo o resto da cidade, exceptuando a rua do Hotel da subdivisão, onde se acha o circo militar, com um jardim muito agradável, a praça da Mairie com algumas ruas francezas, tudo o mais, é uma mistura de casas e ruas arabes bastante immundas.

Os arredores de Tlemcen nada os pode egualar em armosura, pittoresco e riqueza. Tlemcen com effeito é cercada de encantadoras aldéas, taes como a de *Bréa e Negrier*, cujos nomes fazem recordar desditosos e illustres generaes; depois *Mansourah, Naja, Ferme*, com um solo dos mais ferteis; e enfim *Bou-Medine*, aldéa arabe onde se acha uma celebre mesquita, junto da qual começa o famoso *bosque de Bolonha* de Tlemcen: verdadeiro jardim inglez com suas cascatas, seus passeios sombrios e copados, e suas oliveiras seculares á sombra das quaes o peão e o cavalleiro podem fazer o passeio mais agradável.

Nada ha tão bello e delicioso como este labyrintho de pequenos passeios assombreados d'arvores de toda a especie; nada pode egualar o deleite que se acha em errar solitariamente ao doce murmúrio de mil arrosios que se cruzam e perdem sob copados arbustos.

#### Uma viagem a Italia e aos Alpes.

A Italia, cujo clima varia consideravelmente do norte para o meio dia, apresenta por toda a parte aos olhos do viajante perspectivas e vistas inteiramente diversas. Inutil é fallar aqui de seus soberbos monumentos antigos e modernos, e da fecundidade de seu territorio. Tudo isso é sabido por toda a gente.

A cadêa de montanhas chamada o Apenino, estende-se como uma longa fita sobre toda a Italia, desde a garganta de Tenda, onde começa, até á Calabria, onde acaba. O lago maior; o lago de Como, o lago da Guarda, são os tres mais bellos lençoes d'agua que possui este paiz encantador. Seus rios principaes são o Pó, o Tesino, o Adige, o Arno, o Tibre etc. Conta a Italia muitos vulcões, mas os principaes são tambem o Vesuvio e o Etna.

Os italianos, de ha muito curvados sob o jugo de uma obediencia passiva e monacal, adquiriram ha-

bitos e idéas supersticiosas; mas a sua intelligencia não está adormecida, e por toda a parte e em tudo se revela. A classe aristocratica é dotada da maior urbanidade e das maneiras mais elegantes que se podem imaginar.

Descrevem geralmente os italianos como vingativos e falsos, mas a lealdade não é rara entre elles, e muitas vezes a dissimulação lhes é uma necessidade imposta pela natureza de seus governos. São dotados de elevado espirito e graça natural, mas de character e costumes um pouco brandos, ou seja isto devido ao clima, ou occasionado pelo genero despotico das leis do paiz. São os italianos sobretudo muito apaixonados pela musica a que a sua lingua melodiosa se presta admiravelmente.

Todos os estados da Italia são monarchias mais ou menos absolutas; exceptua-se porém o Piemonte que tem um governo representativo, e a Toscana onde as sciencias e as artes estão no estado mais florescente possivel. O catholicismo é o culto geral de toda a Italia.

O reino das Duas Sicilias, outr'ora chamado Grecia grande, poderia dizer-se que se achava acobertado pelo ceo mais puro e mais lindo do mundo se não fóra a visinhança, de character ameaçador, e muitas vezes perigosa, do Vesuvio e do Etna. A Sicilia pode propriamente chamar-se o celeiro da Italia, como era já no tempo dos romanos, que lhe chamavam *Trinacria*, em consequencia dos tres cabos que a terminam. Palermo é a sua capital, e está situada n'uma planicie fertil e risonha sobre o golpho d'este nome.

Napoles, antiga *Parthenope*, capital do reino do mesmo nome, é uma bella e magestosa cidade; povoam-na perto de trezentos e cincoenta mil habitantes e está situada á beira do Mediterraneo. Tem trezentos templos, tres castellos fortes, entre elles o de S. Telmo, edificado n'uma collina, dominando a cidade. Tem a magestosa rua de Toledo, um porto magnifico, e o theatro de S. Carlos, maravilhas que todos conhecem.

Roma é a capital dos estados romanos, ou da Egreja; está assentada sobre as duas margens do Tibre, e estende-se em muralha sobre sete grandes collinas que lhe dão uma circunferencia de cinco leguas. O mais bello edificio do universo é a sua igreja de S. Pedro com a decantada immensa cupula, obra prima de Miguel Angelo; e tem o Vaticano, edificio immenso, vastissimo *basar* de pinturas magnificas e de livros preciosos.

O capitolio continua de pé, mas a cidade de Roma, que no tempo da sua edificação contava quatro milhões de habitantes, não tem hoje mais de cento e sessenta a cento e setenta mil almas.

Depois dos estados romanos apresenta-se a Toscana ou Etruria, paiz abundante de fructos, vinhos, legumes, cereaes, amoreiras, que possui igualmente grandes pedreiras de marmore, minas de ferro, e sobretudo um governo sabio que tem a sua residencia em Florença, capital da Toscana, edificada sobre uma planicie magnifica, fecundada pelo Arno, e que tem as suas quatrocentas mil almas.

Depois da Toscana seguem-se os estados sardos, compostos do Piemonte, da ilha de Sardenha, da Liguria, de Nisa, e da Saboia. Servem-lhe de limites ao norte a Suissa pelo lado de Genova, a este a Lombardia, ao sul o golpho de Genova, e ao oeste a França. O Piemonte, assim chamado pelo logar em que está situado, tem a sua posição, por assim dizer, aos pés dos Alpes; é rico de pastagens, e as colheitas são sempre superiores ás necessidades. As praias do Piemonte são banhadas pelo Pó, que desce do Viso e vae desembocar no Adriatico além de Ferrara. Turim, sua capital, edificada sobre a margem esquerda do Pó, é a mais regular de todas as cidades da Italia; suas ruas são niveladas e direitas, tem um palacio elegante, um soberbo theatro, bellos passeios, uma cidadella, e cento e dez mil habitantes. Nos arredores de Turim, torna-se digno d'attenção o castello chamado *de la Superga*, verdadeiro *Saint-Diniz* dos reis do Piemonte, e a ponte edificada sobre o Pó é tida como uma das mais bellas construcções feitas durante o reinado de Napoleão I.

Na Liguria, onde o territorio caminha ao longo do Mediterraneo, temos a segunda cidade do reino sardo: Genova, a soberba, patria de Christovão

Colombo, d'antes capital de uma republica, que teve como Veneza um doge por seu chefe, é edificada em amphitheatro, e tem um excellente porto de mar. É Genova a cidade dos palacios de marmore, onde o general Massena sustentou por muito tempo um sitio de eterna recordação.

O reino Lombardo-Veneziano compõe-se da Lombardia e da antiga republica de Veneza; servem-lhe de limite pela parte do norte os Alpes, que o separam da Suissa, e ao sul é extremado pelos estados romanos, e pelos ducados de Modena e Parma.

Milão, a capital do reino Lombardo-Veneziano, está situada n'uma rica planicie sobre o Olona entre o Tesino e o Adda, rios que communicam com a cidade por meio de canaes. A cathedral de Milão é toda construida de marmore. O theatro da Scalla é o maior, e o mais acreditado da Italia, e a sua bibliotheca ambrosiana tem perto de cem mil volumes.

Milão é a Paris da Italia: os botequins, os *hoteis*, jornaes, gabinetes litterarios etc. são ali em grande numero. Tem o seu campo de Marte, *cabriolets*, passeios, bailes, theatros, e o trato amigavel e polido de seus habitantes que são em numero de cento e cinquenta mil.

Veneza tem por muralhas as vagas do Adriatico e está situada na sua extremidade septentrional, sobre cento e trinta e oito pequenas ilhas, que se communicam umas com outras por mais de quinhentas pontes, e que formam mais de quatrocentos canaes de differentes larguras, onde navegam perto de dez mil gondolas, especie de botes, que fazem o serviço de carruagens.

Veneza tem vinte e cinco mil casas, todas edificadas sobre estacas porque o terreno não é firme; a população é pouco mais ou menos de cincoenta mil habitantes, distribuidos por duas leguas e meia de extensão. A cidade é dividida em duas partes eguaes pelo grande canal de Zecca que a atravessa de leste a oeste, formando numerosas sinuosidades. O arsenal é um immenso edificio do seculo III, collocado sobre uma das suas maiores ilhas. A bibliotheca de Veneza tem mais de trezentos mil volumes, e a ponte de Rialto, construida sobre o grande canal de Zecca, no meio da cidade, é toda executada em marmore, e foi construida d'um só arco alto e espaçoso, a ponto de poderem passar-lhe por baixo navios de vela.

Os italianos em geral cultivam as letras mais por paixão do que por officio; seguem seus estudos no silencio do gabinete, e é lá que é mister procural-os para bem os conhecer. Não obstante as continuas peias postas á imprensa pelos governos, publicam-se em Italia grande quantidade de obras, jornaes etc. Os prejuizos são quasi sempre particularidade das mulheres, mas é preciso convir que tambem ellas se sujeitam cruelmente e com exaggeração ao jugo que lhes impõem. Desde o berço até ao tumulo, pelo ascendente que os padres exercem sobre ellas, ou pelo regimen absurdo das leis, são collocadas n'uma especie de escravidão vergonhosa até ao acto do casamento e ainda algum tempo depois.

Uma donzella tem por força de habitar a casa de seu pae, de seu irmão mais velho, ou de qualquer dos seus parentes dado o caso que este seja chefe de familia. Lá é tratada como uma pupilla incommoda; deve fallar, viver, e pensar sempre d'accordo com a dona da casa, ou então retirar-se para um covento. Não pode receber dote a não ser por um acto especial de seu pae, ou sendo então unica herdeira, o que é muito raro n'um paiz onde propriedades, fundos, e tudo que pode constituir uma herança pertence sempre aos filhos.

Dado o caso que qualquer donzella obtenha um dote por herança, ou seja herdeira unica de pae etc., os seus bens todos são administrados por um curador que negocia com elles, muitas vezes e quasi sempre contra os interesses da pessoa administrada. Por outro lado, as freiras quando sentem bens de fortuna em qualquer joven italiana empregam todos os seus meios, que não são poucos, para a fazerem pronunciar os votos sagrados, e logo que tenham conseguido esses desejos, a pobre joven fica para sempre escrava de seu juramento, que nunca mais pode retractar.

Se os paes, ou parentes, conservam algum interesse a qualquer linda pupilla sem fortuna dão-na, ou, para melhor dizer, vendem-na a um homem gasto, ou a algum velho com a condição de a fazer sua herdeira; e n'esta situação obrigam-na quasi a esperar como uma grande felicidade o dia da sua morte para poder dispor dos bens, que elle prometeu deixar-lhe. Se a pedido do seu coração ella recusa isso que se lhe offerece, a que chamam fortuna, é immediatamente maltratada e mettida n'um *convento* para nunca mais sair; e conventos não faltam em Italia.

Logo que a joven italiana seja esposa é-lhe quasi prohibido occupar-se do arranjo da sua casa, nem do bem estar do seu marido, nem é a que tem maior poder e influencia sobre seus criados. Sentase á mesa como um hospede da maior cerimonia, e entende-se como coisa de *mau tom* que ella se occupe de coisas domesticas, ao mesmo tempo que o confessor se installa de cama e mesa na casa conjugal, para absolver a tempo alguns peccados, e para exercer livremente a sua avareza, sensualidade e dominio, que são as tres paixões dominantes na Italia.

A mulher tratada d'este modo adquire algumas vezes talentos; e rodeada de continuo supplicio, e prohibida totalmente de cumprir a sua missão como esposa, como mãe, e como mulher, chega a tempo em que só nas intrigas amorosas encontra uma especie de entretenimento. Disposta á infidelidade e rodeada dos adoradores, cuja vida é passarem os dias a fazer visitas por casas particulares, e as noites nos camarotes dos theatros, a mulher italiana procura um d'esses que lhe pareça mais amavel... a intriga torna-se para ella uma necessidade, e as paixões as maiores de todas as necessidades da sua existencia!...

Isto é o pequeno extracto de um exordio com que um modernissimo viajante começa a descrever a sua viagem á Italia e aos Alpes; viagem curiosissima, que vamos offerecer a nossos leitores, e que de certo vae merecer a geral approvação de todos elles. Diz elle que depois d'estas generalidades pode dar curso ás suas explorações, seja nos Alpes, ou no norte da Italia.

Continua.

#### Pesca á linha.

Vamos dar hoje aos que desejem entregar-se ao exercicio da pesca uteis lições elementares. A pesca á linha é um entretenimento poetico, e cassa-se perfeitamente com aquelles que amam as scenas da natureza, as paisagens, n'uma palavra, tudo o que constitue a vida campestre.

Pesca-se com uma linha fluctuante; o que quer dizer, uma linha que se segura na mão, e segue a corrente da agua. Compõe-se de uma vara, e de uma linha guarnecida de boia, e armada de um ou mais anzoos.

A boia é um pequeno aparelho composto d'uma rolha e de uma penna, e que serve a indicar, pelas suas repetidas oscillações, o momento em que o peixe mordeu a isca. Para os anzoos descerem em linha recta e mantel-os a uma conveniente distancia do fundo, guarnecem-se com um peso de chumbo, comtanto que possa ser sustentado esse peso pela cortiça fluctuante, e não obste á linha seguir a corrente da agua. Para ser proveitosa a pesca é preciso tambem uma boa canna ou vara solida, leve e flexivel, que tenha na extremidade superior uma vara mui delgada, e perfeitamente elastica. Da sua boa escolha depende todo o valor da pesca. Junta-se-lhe mais uma redesinha. Este instrumento, composto de um cabo comprido e de uma pequenina rede, serve a sustentar o peixe, quando é pesado, para se poder retirar da agua.

Finalmente deve tambem o pescador estar munido de um sacco grande de caçador, no qual se contenha uma bolsa de rede, um estojo, e as caixas da isca.

A bolsa de rede deve ser de tamanho que possa conter um peixe de tres ou quatro arrateis, e feito de malha tão estreita que não deixe escapar o peixe miudo. Haverá cuidado em fechal-a com um cordel assaz comprido, para no caso de se pescar de cima d'um comoro, poder-se deixar pendida

dentro d'agua. Esta precaução é importante para quem deseja conservar o peixe vivo.

O estojo conterá differentes linhas para a pesca do peixe grosso e miudo, anzoos suppletentes já promptos de antemão, o fio encerado necessario para o concerto das diversas peças em caso de accidente, chumbo, uma pinça, uma faca, sonda, argola para desembaraçar as linhas quando se prendem nas hervas, um novello de barbante, cortiça, e pennas para substituir as boias em caso de necessidade.

A pesca exige silencio, e que bem se escolha o sitio em que se faz, sendo a pratica o unico mestre das localidades apropriadas para tal fim. O pescador deve lançar a sua linha ao abrigo do vento, e deve evitar os abrolhos nas margens, ou a herva no fundo das aguas. Escolhido o local, lança-se a isca para attrahir o peixe áquelle sitio, havendo o cuidado de medir o tamanho dos bocados com a força da corrente, pouco acima do sitio em que se quer pescar, afim de que ella vá cair em frente ao pescador. Tambem durante a pesca se podem deitar mais alguns pedaços de isca, porém haja n'isso parcimonia para não faltar o peixe.

Antes de molhar a linha será conveniente sondar, para conhecer a profundidade da agua, e a qualidade do fundo. Executa-se esta operação fixando no anzol um pedaço de chumbo, e deixando-o ir ao fundo até se conhecer que lhe tocou. Deita-se então a boia á superficie da agua, de sorte que os anzoos fiquem n'agua coisa de cincoenta millimetros acima do fundo. Deve haver cuidado em conservar a linha um pé, ou dois, mais curta do que a vara, porque se fór mais comprida terá menos força para *picar* o peixe.

Promptas as coisas n'estes termos, armam-se os anzoos com a competente isca, e dá-se principio ao divertimento.

O peixe morde, o que se conhece logo pela sacudida agitação da boia; levanta-se então o punho repentinamente, sem dobrar o braço. A esta acção dá-se o nome de *ferrar*. Se então se conhece que o peixe é grosso de mais para se levantar com a linha, conserva-se a ponta da varinha quasi vertical, e vae-se cedendo a mão aos movimentos do peixe; depois resiste-se; novamente se cede a mão, havendo cautela sempre em não o tirar ainda d'agua, porque um salto pode desprendel-o. Quando se conhece que o peixe está cansado, puxa-se brandamente á superficie da agua, e faz-se-lhe aspirar o ar, no entanto que com a mão esquerda se estende a redesinha para o segurar.

Taes são os principios genericos da pesca á linha.

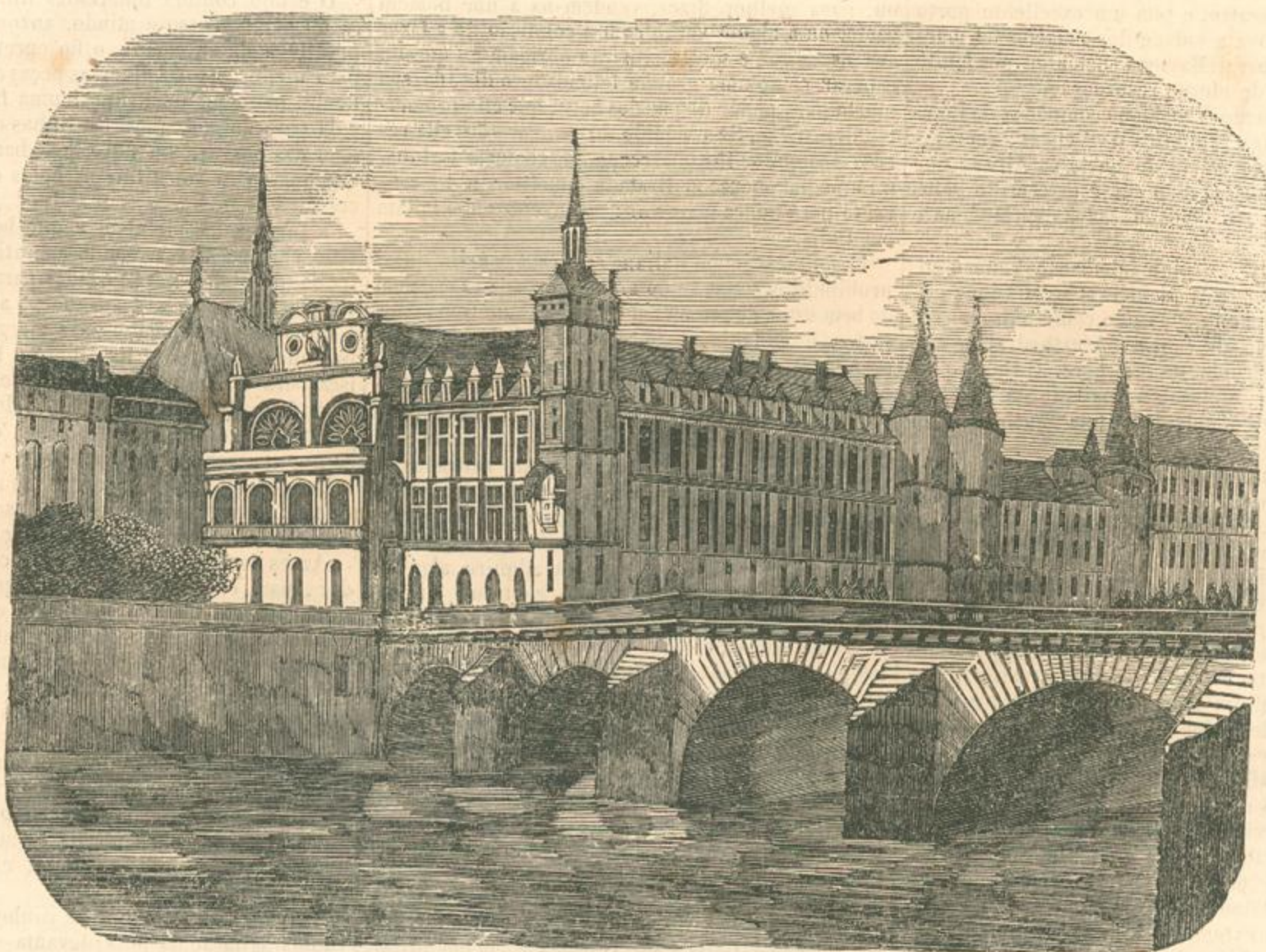
#### O carvão de pedra.

O uso do carvão de pedra não data, em França, de mui longa antiguidade. Acredita-se que foi de 1320 a 1330 que se principiou a extrahir das minas de Roche-la-Moliere, na bacia do Loire. Tambem não se adoptou facilmente o seu consumo, porque em 1520 se consultou a faculdade de medicina de Paris para saber se haveria insalubridade em queimar-o. Respondeu aquella douta corporação que não havia perigo, mediante, comtudo, certas precauções para impedir o fumo.

Em Inglaterra principiou a usar-se muito mais cedo, pois em 1066, Guilherme, o Conquistador, dispoz em favor de um dos seus cavalleiros das minas de Newcastle.

Os povos do meio-dia da Europa estiveram muito tempo sem lhe conhecer o uso. Marco Polo, tomando-o por uma pedra ou marmore, ficou admirado vendo-o arder; e Eneas Silvio, que foi papa com o nome de Pio II, não teve menor surpresa vendo que os pobres da Escossia, em vez de esmola, recebiam pedaços de pedra negra que continha enxofre, ou outra qualquer substancia inflammavel, e que elle desconhecia.

O consumo d'este carvão ficou por muito tempo estacionario, e em França, por exemplo, no anno de 1787 não excedeu a quatro milhões de quintaes metricos. Em 1814 já tinha subido a nove milhões trezentos vinte cinco mil novecentos noventa e um quintaes, e em 1843, a sessenta e dois milhões novecentos trinta e cinco mil e oitenta e dois quintaes.



Palacio da justiça em Paris.



A alfandega de Nova York.



Pesca á linha.



Tlemcen.

**A Bolsa, a alfandega, e os bancos  
de Nova York.**

A nossa gravura representa a rua de Nova York, onde estão situados a maior parte dos bancos, que todos suspenderam os pagamentos.

No angulo de *Wall street* — é o nome d'esta rua — encontra-se a alfandega (*Custom House*), edificada de 1834 a 1842 á custa do estado, e cuja despesa subiu a 1170000 dollars, comprehendendo a compra do terreno. O exterior é uma fraca imitação da columnata do Parthenon. Quanto ao interior, não está em relação com as necessidades das repartições de uma alfandega. Figure-se uma rotunda circular, guarnecida de columnas, ao redor da qual, como sob um zimbório, se acham collocadas as carteiras dos empregados. Atraz d'esta sala existe um edificio cheio de pequenas casas adaptadas a diferentes usos. O numero das pessoas empregadas na alfandega de Nova York é, pouco mais ou menos, quinhentas a seiscentas, cujos ordenados variam de 6000 a 300 dollars por anno.

A origem do nome de *Wall street* é das mais antigas.

N'esta rua é que se edificou outr'ora a *Federal Hall* (a sala federal), destruida em 1807, na qual se reuniu o primeiro congresso americano, depois da proclamação da independencia, a 4 de Julho de 1776. O general Jorge Washington foi ahi eleito presidente dos Estados-Unidos.

A sala de que se trata era no mesmo sitio onde campeia agora a *Custom House*: é unicamente uma construcção de madeira, argamassa e gesso.

A Bolsa encontra-se no centro d'esta grande arteria.

**Extravagante modo de crear pintores.**

Acaba de regressar a Paris um artista de merecimento, que tinha ido á Argelia para copiar algumas vistas.

Reuniu na sua expedição artistica verdadeiros thesouros de investigação e estudo — paisagens, monumentos, vistas interiores de edificios, typos de todas as raças, trajas, animaes; n'uma palavra, recolheu e estudou tudo com intelligencia, e conseguiu juntar abundante material para compôr formosos e interessantes quadros.

Tambem recolheu algumas coisas como simples curiosidade, e n'este numero citaremos uma série de copias exactas das pinturas originaes que adornam o palacio de recreio dos antigos beys, situada a pequena distancia d'Argel.

Estas copias parecem mui singulares, e effectivamente o são; porém o que ainda ha n'ellas de mais extravagante é a circumstancia em que os originaes foram executados.

Era no começo do presente seculo.

Occorreu ao bey d'Argel o capricho de fazer reunir no pateo da Kasauha todos os captivos europeus que tinha em seu poder. Mandou-os formar n'uma fileira, e depois passou-lhes revista lentamente.

— Sabes pintar? perguntou rudemente ao primeiro captivo.

— Não, respondeu elle, não sei pintar.

O bey fez um signal, e um escravo, armado de largo yatagan, decepou a cabeça ao captivo.

— Sabes pintar? perguntou o bey ao segundo captivo.

Este, aterrado do espectáculo que acabava de presenciar, coberto de sangue, e sem ouvir a pergunta que se lhe fazia, abria desmesuradamente os olhos sem responder.

A um signal do bey tambem esta cabeça rolou pelo chão.

O terceiro, ao dirigir-se-lhe a mesma pergunta, todo assustado respondeu:

— Julgo que sim... penso que...

— Ah! então não tens certeza! exclamou o bey.

E a terceira cabeça caiu como as duas outras.

— Sabes pintar? perguntou o bey, sorrindo, ao quarto captivo.

Era este um parisiense intrepido e audaz, antigo gaiato de Paris, que muitas vezes parara extatico defronte das portas das tabernas e bodegas para ver os pintores de brocha gorda traçarem nas tabletas os seus aprimorados desenhos.

— Se sei pintar! exclamou, de certo que sim. Sou o melhor discipulo de David, o pintor da camera do imperador. Que desejas tu, doce e clemente bey? Ordena, e tua vontade será satisfeita.

— Dentro em pouco saberás o que quero, replicou o bey; e continuou a sua revista.

O exemplo do parisiense ensinara aos outros o que deviam fazer, e todos responderam que sabiam pintar.

O bey, contente com o bom exito da empresa, collocou todos aquelles improvisados pintores, que seriam uns trinta, sob as ordens do francez; conduziu este batalhão de artistas a um dos seus palacios de recreio, e ordenou-lhes que adornassem as paredes com pinturas semelhantes ás dos palacios dos reis europeus.

— Quero que pinteis Meca, o sepulchro do propheta, as minhas principaes victorias navaes, e tudo o mais que quizerdes, com tanto que as pinturas sejam dignas de mim. Do contrario mandar-vos-hei cortar as cabeças.

— Clara luz, resplendor supremo, disse o parisiense, ficareis satisfeito.

Mandaram buscar tintas e pinceis, e os nossos artistas lançaram-se á obra.

O parisiense tinha imaginação. A religião musulmana prohibe a representação da figura humana, e isto já simplificava muito o trabalho. Pintou o mar, e as batalhas navaes, em que unicamente se viam as embarcações sem um unico soldado. As balas e bombas cruzavam-se nos ares, escurecidos por nuvens de fumo; porém nem um artilheiro estava junto ás peças.

Recorrendo ás suas memorias da infancia e da lanterna magica, pintou o ceo com formosa côr de azul, e assentou n'elle o sol, a lua e as estrellas. Pintou depois os grandes phenomenos da natureza, as tempestades, as torrentes, os vulcões, em erupção, vomitando chammas e fumo.

O parisiense e o seu batalhão empregavam as côres mais vivas e duras; e se o effecto que produziam era pouco harmonico, brilhava comtudo, e o bey ficou contentissimo.

Felizmente nenhum estrangeiro intelligente em pintura penetrara n'aquelle palacio de recreio, retiro voluptuoso, onde as favoritas do bey passavam a epoca do verão, e o parisiense aos olhos d'este ficou sendo um dos melhores pintores de França. Não só este e os seus companheiros conservaram assim a cabeça no corpo, como, passados tempos, em signal de recompensa, alcançaram a liberdade.

Foram estas as pinturas que um verdadeiro artista copiou. Por extravagantes que pareçam, algumas d'ellas denotam singular intelligencia no parisiense. São egualmente uma prova do que pode produzir a mais absoluta inexperiencia e ignorancia em materia de arte, postas em lucta com a necessidade e o sentimento da propria conservação.

**Palacio da Justiça, em Paris.**

O palacio da justiça é um dos mais antigos monumentos da capital de França, sob o duplo ponto de vista historico e archeologo.

Os primeiros reis francos o habitaram simultaneamente com o palacio *Thermes*, e até Francisco I foi residencia dos monarchas francezes. Já muito havia que tinham feito construir outros palacios, como os de S. Paulo e Tournelles, porém é certo que o herdeiro de Luiz XII ali habitou.

Não ha já vestigios das construcções anteriores ao reinado de S. Luiz; porém este principe embellesou-o muito. Foi obra do seu tempo a capella, primor d'arte ogival, e o grande salão da mesa de marmore, que Victor Hugo descreveu no seu romance *Nossa Senhora de Paris*. A capella ainda existe, e tambem a galeria que corre o pateo principal; bem como as cozinhas, transformadas actualmente em prisões, e mais tres torres antigas que dão ao todo d'aquelle monumento o caracter imponente e pittoresco da idade media.

No reinado do mesmo monarcha ahi teve o parlamento as suas sessões, e n'este palacio continuou depois que os soberanos saíram d'aquella residencia. Agora nada denuncia que este velho edificio

mude de destino. Todas as edades da architectura ahi tem deixado vestigios.

Comprehende elle o espaço entre a rua de la *Barillerie* e a rua *Harlay*, e contando tambem a prefeitura da policia e a *Conciergerie* (prisão) que se podem considerar annexas, estende-se então pela dita rua de la *Barillerie*, caes des *Orfevres* até ao caes do *Relogio*.

Em frente da entrada principal vê-se o sumptuoso engradamento, primor d'arte de serralheria, que corre a rua de la *Barillerie* e reúne os dois pavilhões que formam o corpo do primeiro plano. No fundo do pateo eleva-se um bello edificio para o qual uma excellente escada dá accesso. O centro d'este edificio é decorado por quatro columnas doricadas que supportam um entablamento ornado de quatro estatuas, que são a *França* e a *Abundancia*, por *Berruyer*, a *Justiça* e a *Prudencia*, por *Lecoute*. Por cima ha um zimbório quadrangular decorado na base com um escudo que tem figuras allegoricas, esculpidas por *Pajou*. Os pavilhões da direita e esquerda são da ordem doricada, e de bom effecto. Estas construcções datam do fim do seculo XVIII, e foram feitas depois do incendio de 1776, que consumiu parte do palacio.

De cada lado dos pavilhões ha construcções de diversos estylos. Ao lado do da direita vê-se a formosa janella que dá luz á sala dos passos perdidos. Mais distante, no angulo do caes e da praça do mercado das flores, levanta-se a elegante torre do relógio, que reúne ás construcções do seculo XVIII uma fachada no estylo do seculo XIV, que foi principiada no tempo de Luiz Philippe, e acabada no governo actual. No lado sul a fachada oriental do palacio termina n'um grande e moderno edificio fazendo esquadro com a rua da *Capella Santa*, que tambem foi construida n'estes ultimos tempos.

A torre do relógio deve este nome ao relógio que por muito tempo foi o mais antigo de Paris. Construido por um alemão chamado *Vic*, no reinado de Carlos V, foi no seculo XVII reconstruido quasi todo. Nos tempos de Henrique II, Carlos IX e Henrique III fez-se-lhe um quadrante, que já quasi tinha desaparecido quando agora ultimamente se lhe reconstruiu novo pelo desenho d'aquelle tempo.

O historiador *Babel* deu a sua descripção, e esta serviu para se refazer modernamente. Eis como se explica:

«No anno de 1585, pelos fins de Novembro, acabou-se a obra do quadrante do palacio, que com a sua decoração, se reputa a mais excellente de França. O director d'esta obra foi *Germano Pilon*, mestre estatuário, e um dos primeiros na sua arte, que tem feito tão magnificas obras em Paris, e n'outros logares de França, deixando eterna a sua memoria.

«No alto do quadrante ha primeiramente a figura de uma pomba significando o Espirito Santo, e por cima este escripto:

«*Qui dedit ante duas, triplicem dabit ille coronam.*»

Traduzido diz assim: — «Quem lhe deu já duas coróas, dar-lhe-ha terceira.»

N'um dos lados do quadrante se representa a *Piedade*, tendo um livro aberto, onde se lê:

«*Sacra Dei celebrare pius, regale time ejus.*»

Cuja traducção é: — Observador piedoso da lei de Deus, respeita o direito real.»

E do outro lado está a *Justiça* com uma balança; e por baixo do quadrante escripto:

«*Machina que bis sex tam juste dividit horas,*

«*Justitiam servare monet leges que tuerit.*»

Que traduzido significa: — «A machina que divide tão exactamente as doze horas do dia, nos manda observar a justiça, e obedecer ás leis.»

Estas inscripções são de *João Passerat*, professor regio de eloquencia.

As figuras do quadrante actual são de *mr. Tous-saint*; e reproduzem, quanto possivel, as antigas de *G. Pilon*.

A fachada septentrional do palacio da justiça, com a torre do relógio, e as outras tres torres massiças e negras, recordam as construcções da idade media, muito mais depois que se reuniram as torres de *Montgomery* e de *Cesar* á do relógio com um edificio no estylo do seculo XIV, exactamente igual ao que faz frente para o caes das Flores.

A seguir da ultima torre, e ao longo do caes, as

fachadas do palacio continuam em construcção, parte do gosto do reinado de Henrique, IV e parte de Luiz XIII. As do lado do pateo *Harlay* para a praça *Delphim* acham-se agora em demolição.

O interior, que é um dedalo de ruas, galerias, e salas, não corresponde ao alto destino do edificio. É de aspecto pesado a sala do *tribunal de Cassação*; é bella a escada que dá accesso ao *tribunal imperial*. A *sala dos passos perdidos* occupa o local da *sala da mesa de marmore*, destruida no incendio de 1618. A moderna é talvez a obra mais prima de Jacques de Brosse, architecto do Luxemburgo. A sua decoração é severa, e não tem mais ornatos do que pilastras doricadas e denticulos. Compõe-se de duas immensas naves collateraes, abobadadas, e separadas por uma fileira de arcadas sobre pilastras. A luz entra abundantemente por grandes vidraças collocadas nas extremidades. Todo o effeito d'esta architectura resulta da severidade das linhas, sua harmonia, e arrojado de construcção com a robustez dos perfis e molduras.

N'esta sala ergue-se, do lado do meio dia, um monumento á memoria de Malesherbes, um dos defensores de Luiz XVI. Compõe-se d'um soclo, no qual se esculpiu um baixo relevo representando a despedida do monarcha á sua familia, e da estatua do advogado com a toga, e aos pés um cão, symbolo da sua fidelidade. Este monumento foi feito no tempo da restauração por Bosio.

### A tarde, entre a murta.

#### SCENA I.

Continuação.

AFFONSO.

Estamos realmente a fumar veneno! que pessimos charutos! Tomara que apparecesse por aqui algum contractador amigo para ver se posso fumar um charuto até ao fim.

JULIO.

Que tens tu com D. Elisa d'Almeida?

AFFONSO.

Eu nada. Deixei de ter... e demais... acho-a tola.

JULIO.

Isso é agora. Não a achavas assim quando lhe fazias a côrte mais decidida; quando no teu periodico de theatro, tratando dos bailes do club, a honravas com corôas de rainha, e lhe davas o imperio das salas; quando por sua causa te bateste á espada com D. Pedro de Mendonça.

AFFONSO.

Deixa-te d'isso: o que foi não é; o meteoro passa no ceo, e as nuvens desfazem-se no espaço. Um amor que foi, ainda é menos do que mulher que foi.

(A condessa Aurelia e a baroneza teem chegado á bocca da scena).

CONDESSA.

É uma verdade... na circumvalação da cidade, junto ao muro do cemiterio dos Prazeres, e ali pelas dez horas da noite, parou o calche da marquezia, depois abriu-se a portinhola e elle entrou.

BARONEZA.

E sabe-se quem?

(A condessa falla-lhe ao ouvido).

BARONEZA.

Que diz a condessa?...

(Continuam a passeiar).

SOPHIA.

(Para Elisa d'Almeida) Elisa, Amelia, vocês acompanham-me a casa?... (para D. João) Você não quer vir, D. João?...

D. JOÃO.

Não... não posso... sinto-me incommodadissimo!...

SOPHIA.

(Com meiguice) Vá descansar, D. João; e á tarde não se deixa ver?...

D. JOÃO.

E' provavel; adeus. (Aperta a mão a todos e parte: D. Sophia segue-o com os olhos).

AMELIA.

Estranho hoje muito o teu D. João.

SOPHIA.

Que terá elle?...

AMELIA.

Quem sabe!... Talvez ciumes de D. Pedro de Mendonça.

SOPHIA.

Que culpa tenho eu d'isso? não o tenho desenganado sempre?

AMELIA.

Mas bem sabes que para este mundo tudo é o que parece.

SOPHIA.

Seria uma infelicidade... a minha morte...

(Sae com Elisa e Amelia).

AFFONSO.

Que me dizes tu acerca de D. Pedro de Mendonça? Aquelle mosca morta vae-se saindo.

JULIO.

E agora para lhe não escapar conquista, atira-se sem dó nem consciencia a D. Sophia d'Athaide.

AFFONSO.

Na minha consciencia julgo que para ali vae elle debalde. D. Sophia é muito *coquette*; mas eu aposto o meu lindo cavallo russo, contra o burro mais podre de Cintra, que D. Sophia ama perdidamente D. João.

JULIO.

Estás na realidade persuadido d'isso?

AFFONSO.

Estou; e prefiro o amor de uma *coquette* ao amor de uma beata.

(A condessa Aurelia e a baroneza, durante esta conversação, teem ido occupar os logares que deixaram vagos Sophia, etc.)

CONDESSA.

Pois eu t'o conto. No quarto de Amelia de Castro, uma d'estas criadas chocalheiras encontrou um dia um lenço de pescoço de homem; o lenço era d'aquelle... do Affonso d'Abreu, que está ali... E tu, baroneza, que conheces a austeridade do pae d'Amelia, vê o que seria se elle o soubesse.

JULIO.

A condessa está-nos mordendo na pelle sempre; tem uma lingua de prata.

AFFONSO.

E a baroneza?...

JULIO.

A baroneza é a mulher mais esperta que eu conheço; enfia-as a todas por uma agulha, porque vae sabendo os segredos de todas sem lhes dizer os seus. Não é capaz, aposto eu, de lhes contar as relações que teve com o capitão de caçadores... e faz bem.

CONDESSA.

(Continuando) D. Pedro de Mendonça, que não tem nada de bom, mas que é o mais esperto de todos esses janotas, obteve, por um dos modos que ha de conseguir as coisas, o celebrado lenço, e no primeiro baile onde encontrou D. Amelia, ameaçou-a de declarar tudo ao pae.... e a pobre rapariga que teve medo....

BARONEZA.

Entendo...

(Levantam-se ambas).

CONDESSA.

(Com maldade) Nós sempre somos umas santas...

BARONEZA.

(Com mais maldade) Achas?... Convidemos aquelles janotas para nos darem o braço.

CONDESSA.

(Para Affonso e Julio) Vv. ex.<sup>as</sup> são sufficiente amaveis para acompanharem duas senhoras?

AFFONSO.

Pois v. ex.<sup>a</sup> pode duvidar um instante?

BARONEZA.

Como nos deixaram ali tanto tempo isoladas...

JULIO.

(Com maldade) É porque sabemos quanto é interessante uma conversação entre duas amigas.

CONDESSA.

Pouco mais ou menos como a de dois amigos.

AFFONSO.

E' verdade. Dé-me o seu braço, condessa.

JULIO.

O seu braço, baroneza.

(Saem em conversação animada).  
Continua.

### O medico de Moliere.

Moliere, o celebre autor dramatico francez, ainda que habitualmente valetudinario, confiava muito mais na temperança da sua dieta, do que na pericia do seu facultativo para recobrar a saude.

— Que uso fazeis do nosso medico? perguntou-lhe um dia o rei.

— Quando apparece conversamos sempre por algum tempo, meu senhor, replicou o dramaturgo: elle receita-me os seus remedios, que eu nunca tomo, e assim me restabeleço depressa.

Quando o orphão te chama, quando a viuva desvalida implora o teu auxilio, compadece-te da sua afflicção, e estende-lhes mão valedora.

## Apontamentos biographicos.

## GUTTEMBERG.

Grande disputa houve entre varias cidades do Rheno para se saber em qual d'ellas nascera o inventor da imprensa; porém é facto hoje averiguado que esta honra recaiu nobremente na cidade de Moguncia.

O verdadeiro nome d'este homem util ao genero humano, era *Henn* (João) *Gensfleisch de Sulgeloch*. Foi filho d'um *Gensfleisch de Sulgeloch Friele*, que se casou com *Else de Guttemberg*. Foi do nome da mãe que Guttemberg tirou o seu appellido. Tinha irmãos, e pertencia, por parte dos seus progenitores, a uma familia nobre.

Uma revolta que tivera lugar em Moguncia quando ali entrou solememente o imperador da Alemanha fez com que Guttemberg saísse da cidade, não se sabe se por vontade propria, ou forçado, e foi estabelecer-se em Strasburgo, o que se prova pôr figurar nos livros dos impostos d'aquella cidade no anno de 1436; e no anno seguinte, em consequencia de um processo que lhe moveu uma rapariga nobre, por nome *Anna zu der Iseren Thure* (à porta de ferro) reclamando o cumprimento d'uma promessa de casamento, com ella se casou.

Em Strasburgo, Guttemberg associou-se com *André Dritzehen*, também d'uma familia nobre, e trabalharam ambos em talhar pedras preciosas, pulir espelhos, e proseguir nos segredos que excitam a geral curiosidade. Conservam-se em Strasburgo os documentos d'um singular processo que teve lugar em 1439, e os depoimentos de dezete testemunhas que figuraram n'elle, que lançam alguma luz sobre o caracter d'estes segredos tão curiosos e primeiros trabalhos da typographia.

No anno de 1436 ou 1437, Guttemberg, sem deixar de trabalhar com *Dritzehen*, associou-se com um tal *João Riffe* na exploração d'uma descoberta que devia deixar grandes lucros na feira de Aix-la-Chapelle. *Dritzehen*, advertido, pediu entrar na associação com seu irmão. *Riffe* obteve uma parte, os dois irmãos outra, e Guttemberg reservou para si duas partes e uma gratificação de cento e sessenta florins. D'aqui se vê por esta distribuição, que evidentemente elle era o chefe, ou o inventor; porém ignora-se hoje qual fosse tal invenção. *Dritzehen* e seu irmão negociaram com elle, e duzentos e cincoenta florins que lhe entregaram, asseguraram-lhes fructuosa cooperação nas descobertas do seu associado. Tratava-se do nascimento da typographia, e isto era pelos annos de 1436 ou 1437. Os ensaios duraram quasi tres annos. Os associados vendo chegar o tempo da feira, e julgando os trabalhos ainda mui imperfeitos para as obras impressas por aquelle processo poderem produzir verdadeira illusão, e passarem por manuscritos, renunciaram á proxima venda, e proseguiram com ardor no trabalho. Sobreveiu a morte de *Dritzehen*, e depois d'esta morte o processo de que acima se fallou. A sentença do tribunal, publicada em 12 de Dezembro de 1469, dissolveu a sociedade.

Os curiosissimos documentos d'este processo teem sido commentados de mil modos. — Resulta dos depoimentos, diz *Mr. Ambroise Firmin Didot*, que as fórmulas (paginas) se compunham de caracteres moveis; que estas fórmulas deitadas na prensa eram em numero de quatro ou duas paginas, com duas columnas cada uma, designadas provavelmente com o nome de quatro fórmulas; e que finalmente, uma vez desamarradas ellas não se sabia mais a que obra tinham servido. — Eis o que ao certo se conhece relativamente ás primeiras tentativas de Guttemberg. Tratava-se sem duvida de imprimir para a feira d'Aix-la-Chapelle grande quantidade de Biblias que queriam fazer passar por manuscritos, e da venda das quaes esperavam a sua fortuna.

Dissolvida a sociedade não abandonou Guttemberg os seus estudos. Ficou em Strasburgo até 1445, e talvez que até 1450. N'esta epoca encontrámo-lo em Moguncia com o banqueiro *Faust*, ou *Fust*, a quem se soccorreu para dinheiro.

Alguns escriptores teem tratado de reivindicar a descoberta da typographia, uns para *Lourenço Coster*, outros para *Mentel*; mas é certo que Guttemberg já a havia inventado antes de 1450.

Guttemberg devia necessariamente apresentar a *Faust*, para o resolver, alguns resultados mais felizes do que esses da sua primeira associação; propoz-lhe de certo a fundição de caracteres por meio de matrizes de chumbo, ou de cobre. Primeiramente foram caracteres de madeira, infinitamente custosos de gravar, e facéis em destruir; os caracteres regularmente fundidos era o progresso real.

Talvez que n'aquelles annos Guttemberg empregasse simultaneamente os dois processos. Um documento, assignado em Agosto de 1450, prova que elle recebeu emprestados oitocentos florins, de que foi hypotheca o material. *Faust* emprestou-lhe mais trezentos florins para aluguel de casa, officiaes, pergaminhos, tinta etc. Em 1452 lhe promptificou igualmente oitocentos florins. Havia no contracto também a condição de Guttemberg reputar associado o moço *Pedro Schœffer*, que empregado como caligrapho em Paris no anno de 1449, passara depois para o escriptorio do banqueiro *Faust*. Este *Schœffer*, que era engenhoso e habil, aperfeiçoou o processo de Guttemberg.

Graves discussões se suscitaram no seio d'esta sociedade, que por fim se dissolveu em 6 de Novembro de 1455, e Guttemberg ficou reduzido ao infortunio. *Faust* demandou-o, e obrigou-o a pagar-lhe o capital e os juros, mas como não pôde pagar, penhoraram-lhe a officina. *Faust* e *Schœffer*, já seu genro, apossaram-se dos caracteres fabricados pelo novo processo, deixando ao antigo associado unicamente o velho material, e as imperfeitas obras principiadas com elle. É por isto que elles produziram a *Biblia de quarenta e duas linhas*, ao passo que lhe deixaram imprimir, mas sem assignar, a *Biblia de trinta e seis linhas*, e o *Catholicon*.

Tamãha obscuridade envolve esta epoca da historia da imprensa, que não se pode dizer quaes foram as obras compostas na officina commum, sendo impossivel igualmente saber se Guttemberg imprimiu livros em Strasburgo, que depois completamente se perderam. Guttemberg nunca poz seu nome nos livros, quer por ser nobre, e não querer publicamente degradar-se, quer por modestia, quer em virtude de contracto com o seu credor. Isto mesmo contribue para obscurecer o ponto historico.

As duas officinas rivalisaram; porém *Faust* e *Schœffer*, providos de instrumentos que lhes facilitassem e melhorassem os trabalhos, avançaram a Guttemberg. A *Biblia de quarenta e duas linhas* appareceu pelo fim do anno de 1456. O *Psalterio*, de Moguncia, primeiro livro que se imprimiu com data, tem-na de 1457. Ainda que parece evidente, por um documento datado de 1459, que Guttemberg imprimiu varias obras ou em Strasburgo, ou em Moguncia, antes do seu *Catholicon* e *Biblia*, taes obras desappareceram, e estas duas que são de 1460, são as unicas consideraveis em que se empregou. A actividade, porém, da sua imprensa

não foi inferior á de *Schœffer* e *Faust*, porque chegou a imprimir trezentas folhas por dia. Attribuem-se-lhe também as obras — *Mataei de Cracovia Tractatus racionis et consciencie de sumpcione pabuli etc.* — *Summa de articulis fidei et Ecclesie*, edita a fratre *Thoma de Aquino* — *Hermannii de Saldis Speculum clarum nobile et preciosum ipsorum sacerdotum* — *Tractatus de celebratione missarum*.

Guttemberg morreu no principio do anno de 1468, e *Conrado Homery*, doutor, tomou posse da sua imprensa. O nome d'este inventor ficou consagrado á admiração e reconhecimento publico. No anno de 1839 elevou-se-lhe em Moguncia uma estatua de bronze, obra do escultor sueco *Thorwaldsen*. Guttemberg está representado em pé, e n'uma attitude simples. No baixo relevo figura sentado diante d'uma mesa coberta de typos e caracteres, e *Schœffer*, seu associado, recebendo de suas mãos uma matriz. A inscripção principal diz que aquelle monumento se lhe erigiu com o dinheiro recolhido em toda a Europa.

A nossa gravura representa outra estatua que se lhe inaugurou recentemente na praça de Strasburgo, e que é obra do escultor *David*, de Angers.

A velhice do egoismo é triste, não tem companheiro, nem successor, nem esperança; occupa desapercibidamente o circulo estreito em que vive, bem como o caracol na sua concha; o passado é para elle um vacuo, o presente um deserto, e o porvir é nada!

## Obituario.

O marquez de *Rastignac*, marechal de campo no tempo da restauração, acaba de fallecer na idade de oitenta e dois annos. Sua filha mais velha, a duquesa de *La Rochefoucauld* é hoje a unica representante d'esta familia.

— *Mr. Jules Martinet*, antigo redactor do *Siecle*, e gerente do *l'Ordre*, falleceu encerrado na casa de alienados de *Charenton*.

— Em Madrid finou-se o conde de *Santo Antonio*, tio do general *Serrano*.

— Falleceu, no Rio de Janeiro, o brigadeiro *J. M. Carlos de Gusmão*, gentilhomen da camara imperial de sua magestade o imperador do Brazil.

— Morreu em Berlin, na idade de setenta e dois annos, o conde *Mauricio Carlos de Palhus*, camarista do rei da Prussia.

— Falleceu no Mexico a celebre cantora *Frezolini*.

— Ha noticias de ter morrido em Roma o cardeal *Fieschi*.

— Também se finou em Madrid *D. Francisco Coppola*, conde de *Priego*, duque de *Canzano*, principe de *Monte-Balconi*, barão de *Santa Corcoho*, e grande de Hespanha de primeira classe.



Inveja.